



ARTIGOS

**Semiótica do afeto *Queer*:**

signos, representatividade e educação para a sexualidade em *Heartstopper*

Nathan Silva Pereira, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro*

Luis Gustavo da Conceição Galego, *Universidade Federal do Triângulo Mineiro*

Resumo: O presente artigo analisa as representações positivas da homossexualidade na série *Heartstopper* e discute suas potencialidades como recurso didático para a educação para a sexualidade na educação básica. Ancorada em uma abordagem qualitativa de matriz semiótica peirceana, a pesquisa constitui um corpus de cenas que tematizam afeto queer, autoconhecimento da sexualidade, homofobia e redes de apoio. As cenas foram decupadas segundo critérios de relevância temática, recorrência de signos audiovisuais e saturação sógnica, permitindo a identificação de qualidades sensíveis (primeiridade), relações narrativas (secundidade) e articulações com contextos socioculturais brasileiros (terceiridade). Os resultados são apresentados em quatro eixos: (a) representatividade positiva e semiótica do afeto; (b) autoconhecimento, adolescência e a pergunta “eu sou gay?”; (c) cotidiano homoafetivo, homofobia e redes de apoio; (d) implicações pedagógicas. A análise evidencia um regime estético marcado pela delicadeza, pelo cotidiano e pelo cuidado, que rompe com narrativas trágicas tradicionalmente associadas à homossexualidade e produz um repertório simbólico de afeto queer positivo. Articulando a leitura das cenas com a literatura sobre educação sexual, com documentos normativos (PCN, BNCC) e com os Princípios de Yogyakarta, o estudo sustenta que *Heartstopper* pode ser incorporada ao currículo como artefato curricular e ferramenta formativa para discutir consentimento, diversidade, direitos humanos e enfrentamento da violência simbólica no ambiente escolar. Por fim, apresenta-se uma proposta pedagógica que integra análise semiótica, letramento midiático e educação sexual integral crítica.



PALAVRAS-CHAVE: Educação sexual. Afeto *queer*. Semiótica peirceana.
Mídias audiovisuais. *Heartstopper*.

Pausas na Violência Simbólica: Abrindo o Caderno para o Afeto Queer

A educação para a sexualidade, historicamente marcada por disputas morais e pedagógicas, articula dimensões biológicas, afetivas e sociais para promover compreensões críticas que sustentem práticas éticas e respeitadas. Nesse cenário, o debate sobre gênero e diversidade sexual torna-se eixo indispensável para a construção de uma cidadania plena e inclusiva (Cabral; Heilborn, 2010; Sfair et al., 2015; Gava; Villela, 2016). Apesar de seu caráter emancipatório, a educação para a sexualidade nas escolas ainda provoca tensões, refletindo embates que acompanham sua própria história no Brasil.

Inserida nos currículos desde a década de 1930 (Figueiró, 2009), a educação sexual passou por períodos de avanços e retrocessos ao longo do século XX, com maior sistematização entre as décadas de 1940 e 1980 (Ribeiro, 2004; Bueno; Ribeiro, 2018). Contudo, nas últimas décadas, discursos conservadores têm buscado deslegitimar a abordagem de gênero e sexualidade nos espaços educativos, reinterpretando-as como ameaça moral, ainda que tais posicionamentos contrariem dispositivos legais que garantem a promoção dos direitos humanos e da igualdade (Braga, 2019).

Essas tensões contemporâneas se articulam a processos históricos mais amplos de estigmatização da homossexualidade. De fato, desde o período colonial, discursos religiosos e jurídicos definiram a homossexualidade como crime, pecado ou patologia, constituindo um estigma que se perpetua na sociedade brasileira e que se atualiza no cotidiano escolar (Trevisan, 2018; Gonçalves; Gonçalves, 2022). A escola, inscrita em mecanismos de controle dos corpos e de normatização das condutas, historicamente atuou como espaço de reprodução da heteronormatividade, ocultando ou negando existências dissidentes (Louro, 2004).

Mesmo diante de avanços legais e sociais, a homofobia permanece presente nas interações escolares (Menezes *et al.*, 2018), reiterando a necessidade de práticas pedagógicas que valorizem a pluralidade das experiências de gênero e sexualidade. A discussão de representações positivas da homossexualidade torna-se, assim, um caminho relevante para o enfrentamento da violência simbólica e para a promoção de cidadania (Ramires, 2011).



Nesse cenário, artefatos culturais, como filmes e séries, assumem papel pedagógico significativo. As escolas podem ser entendidas como espaços-tempos atravessados por redes de significações, práticas, imagens e narrativas que compõem os cotidianos educativos (Alves, 2019). Assim, produções audiovisuais constituem recursos potentes para ampliar repertórios, mobilizar afetos, deslocar normatividades e promover leituras críticas sobre diversidade sexual, sobretudo quando articuladas às práticas de ensino.

A indústria do entretenimento tem desempenhado papel relevante na ampliação da visibilidade LGBTQIAPN+, especialmente por meio de plataformas de streaming como a Netflix (Asmar; Raats; Audenhove, 2022). No entanto, essa ampliação não pode ser compreendida de forma ingênua ou dissociada das lógicas mercadológicas que estruturam a indústria cultural. Adorno e Horkheimer (1985) alertavam que a indústria cultural opera capturando formas de expressão cultural para transformá-las em mercadoria, neutralizando seu potencial crítico. No contexto contemporâneo, tal dinâmica manifesta-se na incorporação da diversidade sexual como estratégia de mercado, frequentemente associada ao chamado *pink money*, isto é, à exploração econômica de identidades dissidentes como nicho consumidor. Como observa Miskolci (2017), a visibilidade *queer* produzida pela mídia pode tanto ampliar reconhecimento quanto domesticar politicamente as dissidências, convertendo diferenças em produtos culturalmente aceitáveis. Assim, *Heartstopper* (Lyn, 2022), série televisiva baseada nos dois primeiros volumes da obra homônima de Alice Oseman (2021a; 2021b), deve ser compreendida simultaneamente como avanço simbólico e como produção inserida em um mercado que captura afetos e identidades.

Essa ambivalência não invalida o potencial pedagógico desse produto midiático, mas exige uma leitura crítica de suas condições de produção e circulação. A série retrata, com sensibilidade, a trajetória afetiva de dois adolescentes que exploram sua identidade e seus desejos de forma terna e livre de estigmas, um contraste expressivo frente às representações negativas ou patologizantes que dominaram grande parte da história do audiovisual. Ao subverter a gramática visual e narrativa do sofrimento, a série se estabelece como um potente produto cultural que articula representatividade e afeto *queer* positivo.

Historicamente, a escola opera como um espaço regulado por normas de gênero e sexualidade que buscam produzir condutas inteligíveis e socialmente aceitáveis. Como apontam Louro (2004) e Gonçalves e Gonçalves (2022), a instituição escolar não apenas ensina conteúdos: ela disciplina corpos, regula afetos e reproduz expectativas heteronormativas que orientam o que pode ser dito, sentido e vivido. É nesse contexto de vigilância e silenciamento que a discussão sobre diversidade sexual se torna não apenas necessária, mas urgente. Nesse sentido, obras como *Heartstopper* configuram oportunidades pedagógicas de deslocamento discursivo, favorecendo a discussão de afetos *queer*, a contestação da heteronormatividade e a construção de práticas de educação para a sexualidade mais inclusivas e críticas.

Os signos audiovisuais presentes em *Heartstopper*, estruturados por uma estética de delicadeza, descoberta e afirmação identitária, não apenas configuram uma representação positiva da homossexualidade, mas também potencializam a produção de sentidos sobre o afeto *queer* capazes de tensionar normas heteronormativas e ampliar horizontes pedagógicos na escola. Esses signos, quando mobilizados em práticas educativas, podem favorecer processos de identificação, reconhecimento e diálogo crítico entre estudantes, contribuindo para a construção de uma educação para a sexualidade fundamentada nos direitos humanos, no respeito à diversidade e na promoção de ambientes escolares mais inclusivos.

Neste artigo, o termo afeto *queer* não é empregado apenas como sinônimo de sentimento individual, mas em diálogo com abordagens contemporâneas que compreendem o afeto como força relacional capaz de produzir deslocamentos éticos, políticos e perceptivos. Para Ahmed (2014), as emoções não residem nos sujeitos como estados internos, mas circulam entre corpos, objetos e discursos, orientando aproximações, afastamentos e pertencimentos. De modo convergente, Sedgwick (2003) propõe compreender o afeto como campo de intensidades que estrutura modos de percepção e relação com o mundo. No contexto brasileiro, Pelúcio (2012) sugere pensar o “cu *queer*” como lugar político e epistemológico a partir do qual emergem pedagogias afetivas dissidentes, capazes de tensionar normas de gênero e sexualidade.

Assim, o afeto *queer* mobilizado por *Heartstopper* não se restringe à emoção privada entre personagens, mas constitui um regime estético-político que desloca a partilha do sensível (Rancière, 2009) e amplia os quadros de inteligibilidade das vidas *queer* (Butler, 2019). Ao



tratar de representações positivas da homossexualidade, não se pretende afirmar uma visão idealizada ou despolitizada das vivências LGBTQIAPN+, mas referir-se a narrativas que disputam ativamente os regimes de visibilidade social. Hall (1997) compreende a representação como prática de produção de sentido, e não como simples reflexo da realidade, o que implica reconhecer que as imagens midiáticas participam da construção das próprias condições de existência social. De modo semelhante, Dyer (1993) argumenta que a política da representação está diretamente vinculada à luta por reconhecimento, dignidade e complexidade simbólica. Nesse sentido, consideram-se positivas as representações que rompem com padrões historicamente dominantes no audiovisual, nos quais personagens dissidentes foram associados à tragédia, ao sofrimento ou à punição (Mendes, 2011; Míkos; Sierra, 2018), e que afirmam a legitimidade do afeto, do desejo e da existência *queer*.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar, a partir da semiótica, os signos audiovisuais que estruturam a representatividade homossexual em *Heartstopper*, discutindo como produzem sentidos sobre o afeto *queer* e como podem subsidiar práticas didáticas voltadas à educação para a sexualidade em perspectiva inclusiva e crítica. Para isto, o artigo organiza-se em quatro seções principais. Inicialmente, apresentam-se os caminhos metodológicos da pesquisa e o referencial semiótico adotado. Em seguida, desenvolve-se a análise do corpus em quatro eixos: (a) representatividade positiva e semiótica do afeto; (b) autoconhecimento e descoberta da sexualidade; (c) cotidiano homoafetivo, homofobia e redes de apoio; e (d) implicações pedagógicas. Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais se discutem as contribuições do estudo, seus limites e suas possibilidades para a área da educação.

Caminhos Metodológicos: Quando o Afeto Encontra a Análise

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa de natureza interpretativa, fundamentada na análise semiótica de matriz peirceana, aplicada ao estudo de produções audiovisuais. O corpus é constituído por cenas selecionadas da série *Heartstopper* (Lyn, 2022) que evidenciam expressões de afeto *queer* e representações da homossexualidade. A

seleção do corpus seguiu três critérios: (a) relevância temática para a discussão de diversidade sexual e afetividade; (b) presença de signos audiovisuais recorrentes na construção da sensibilidade *queer*; e (c) saturação sígnica, segundo a qual cenas densas em elementos cinematográficos foram priorizadas, conforme metodologia consolidada em estudos anteriores sobre representações LGBTQIA+ em produtos midiáticos (Lima; Galego, 2024).

Após a seleção das cenas, procedeu-se à transcrição decupada das cenas, contemplando diálogos traduzidos para o português e elementos da gramática cinematográfica, incluindo planos, enquadramentos, iluminação, paleta cromática e movimentos de câmera. Essa etapa segue o protocolo metodológico empregado em análises fílmicas anteriores (Cruz; Galego, 2020; Lima; Galego, 2024), no qual a decupagem opera como instrumento para identificação dos signos audiovisuais e para a compreensão de sua articulação narrativa.

A análise semiótica baseou-se nas três categorias peirceanas (primeiridade, secundidade e terceiridade), adaptadas ao contexto audiovisual conforme proposto por Dias (2013) e Vieira e Dias (2014) e aplicadas em projetos de pesquisa de referência (Soares; Pereira; Galego, 2019; Cruz; Galego, 2020; Oliveira; Galego, 2021; Pires; Galego, 2021; Lima; Galego, 2024). Nesse enquadramento:

Primeiridade refere-se às qualidades sensíveis dos signos, tais como cor, luz, textura, sonoridade, enquadramento, tratadas como *índices* que operam a nível pré-interpretativo.

Secundidade corresponde à esfera da *narrativa*, compreendida nas relações entre personagens, afetos, conflitos, gestualidades e performances *queer*.

Terceiridade refere-se aos *contextos culturais* que orientam a significação, articulando os signos da série às construções sociais brasileiras sobre homossexualidade, afetividade e normas de gênero, tal como proposto em análises etnográfico-discursivas de representações midiáticas (Galego; Pereira, 2020; Lima; Galego, 2024).

O uso recorrente de planos médios e subjetivos, aliado à inserção de animações 2D (como folhas, raios, traços coloridos e elementos gráficos sobrepostos à imagem), opera como índice de primeiridade, pois atua



diretamente sobre a dimensão sensível da experiência estética, evocando estados afetivos e aproximando o espectador da interioridade emocional das personagens. A secundidade manifesta-se nas interações concretas entre os corpos em cena, especialmente nas dinâmicas de aproximação e afastamento entre Nick e Charlie, nos silêncios carregados de tensão, nos gestos hesitantes, nos olhares prolongados e nas microperformances de cuidado, que estruturam a narrativa a partir do conflito, da resistência e do reconhecimento mútuo enquanto sujeitos queer. Esses elementos configuram uma experiência relacional que ancora o sentido nos acontecimentos e nas reações vividas pelas personagens. A terceiridade, por fim, emerge quando essas experiências narrativas e sensíveis são interpretadas à luz de convenções socioculturais mais amplas, permitindo que os signos da série sejam articulados a debates contemporâneos sobre diversidade sexual, afetividade e normatividade de gênero. Nesse nível, *Heartstopper* ultrapassa a esfera do entretenimento e passa a operar como dispositivo pedagógico-cultural, produzindo efeitos de reconhecimento, identificação e ressignificação das vivências LGBTQIA+ no contexto brasileiro, conforme apontam abordagens etnográfico-discursivas das representações midiáticas (Galego; Pereira, 2020; Lima; Galego, 2024).

A interpretação dos sentidos das cores seguiu a proposta de Raslan (2021), integrada às estratégias simbólicas que estruturam a construção estética do afeto *queer* na série.

Os resultados da análise semiótica foram triangulados com literatura nacional e internacional sobre educação para a sexualidade, mídia e diversidade, permitindo compreender como os signos audiovisuais podem tensionar normas heteronormativas e expandir modos de sentir e pensar a educação sexual. Essa triangulação segue o percurso metodológico empregado em estudos anteriores que relacionam cinema, diversidade e processos formativos (Cruz; Galego, 2020; Galego; Pereira, 2020; Maia; Galego, 2021).

Por fim, a elaboração da proposta pedagógica fundamentou-se nos achados semióticos e nas orientações de Fantin (2014), bem como, em Galego e Pereira (2020) sobre o potencial das mídias audiovisuais como recursos para aprendizagens críticas e inclusivas, compreendendo

Heartstopper como ferramenta formativa para discussões sobre afetividade, diversidade e cidadania no contexto escolar.

Para fins de discussão, o corpus está organizado em quatro eixos:

- a) representatividade positiva e semiótica do afeto;
- b) autoconhecimento e descoberta da sexualidade;
- c) cotidiano homoafetivo, homofobia e redes de apoio;
- d) implicações pedagógicas e proposta de trabalho com a série em contextos escolares.

A leitura das cenas é articulada a um referencial que assume a sexualidade como construção sócio-histórica (Louro, 2004) e a adolescência como categoria historicamente produzida, evitando perspectivas naturalizantes e patologizantes (Bock, 2007; Berni; Roso, 2014).

A decupagem completa das cenas, contendo transcrições, observações detalhadas da gramática cinematográfica e justificativas interpretativas expandidas, foi sintetizada nos quadros apresentados ao longo do artigo, assegurando a compreensão do percurso analítico mesmo sem acesso ao material suplementar. A versão ampliada da decupagem encontra-se disponível em repositório de acesso aberto como material complementar (<https://osf.io/35cvw/files/nwscd>), compreendida aqui como estratégia de transparência metodológica e não como elemento indispensável à inteligibilidade do estudo.

Educação para a sexualidade, mídias e disputas de sentido: deslocamentos contemporâneos

As disputas em torno da educação para a sexualidade no Brasil têm se intensificado nas últimas décadas, especialmente no que se refere à presença de temas ligados ao gênero e à diversidade sexual nos currículos escolares. Esse cenário evidencia que a sexualidade permanece atravessada por discursos concorrentes, ora emancipatórios, ora normativos, que disputam a produção de sentidos sobre corpos, afetos e identidades.

Nesse contexto, a mídia ocupa lugar estratégico. Longe de funcionar apenas como extensão do entretenimento, ela se constitui como campo de enunciação que participa ativamente da construção do imaginário social sobre a homossexualidade e sobre a juventude LGBTQIAPN+. Figueiró (2009) pondera que a circulação de discursos



mediáticos tensiona os silenciamentos escolares ao trazer à tona temas que muitas vezes permanecem interditados nas práticas pedagógicas. Mais recentemente, estudos têm evidenciado como diferentes plataformas midiáticas, tais como séries, podcasts, quadrinhos, animações e redes sociais, se tornaram espaços de elaboração simbólica e afetiva, ampliando a diversidade de narrativas possíveis sobre vivências dissidentes (Serra; Soares, 2021).

Esse movimento adquire relevância particular quando se observam as transformações nas representações audiovisuais da homossexualidade. Se, por grande parte do século XX, personagens LGBTQIAPN+ foram majoritariamente associados à marginalidade, ao sofrimento ou à patologização, observa-se uma inflexão significativa nas produções contemporâneas. Mendes (2011) e Lima, Barros Junior e Silva (2025) consideram que a presença de afetos *queer* positivos nas telas opera como mecanismo de legitimação social, contribuindo para disputar imaginários ainda marcados por estigmas. Rancière (2009) e Butler (2019) destacam que a visibilidade não é um simples ato de exposição, mas um mecanismo político que define quem pode ser reconhecido como sujeito. A representação audiovisual, nesse sentido, não apenas reflete experiências dissidentes: ela produz condições de existência, reorganizando a “partilha do sensível” (Rancière, 2009) e ampliando os quadros de inteligibilidade das identidades *queer* (Butler, 2015; 2019).

Ao deslocar regimes tradicionais de visibilidade, o audiovisual se articula com processos educativos mais amplos. Sua potência pedagógica não reside apenas na exposição de corpos e narrativas dissidentes, mas sobretudo na capacidade de mobilizar signos, cores, enquadramentos, gestos e sonoridades que produzem modos específicos de sentir e compreender a diversidade sexual. Esses elementos, entendidos aqui como signos em sentido peirceano, operam como mediadores semióticos capazes de afetar percepções, ampliar repertórios e tensionar normatividades.

É nesse horizonte que *Heartstopper* se insere como objeto privilegiado de análise. Mais do que um relato romântico juvenil, a série constrói um regime próprio de significação do afeto *queer*, marcado por delicadeza, sensibilidade e ruptura com a narrativa trágica que

historicamente moldou a representação da homossexualidade. Ao produzir uma estética do cuidado e da descoberta, *Heartstopper* desloca expectativas e oferece alternativas simbólicas que contrastam com imaginários escolares ainda atravessados por silêncios, heteronormatividade e vigilância.

Assim, compreender a presença e a função desses signos audiovisuais é fundamental para discutir como produções contemporâneas podem subsidiar práticas de educação para a sexualidade mais críticas, inclusivas e alinhadas aos direitos humanos. Na continuidade desta discussão, analisamos de maneira mais detalhada os elementos visuais, cromáticos e narrativos mobilizados pela série, destacando seu potencial pedagógico no enfrentamento da violência simbólica e na ampliação da representatividade *queer* no contexto escolar.

Representatividade *queer*: cores, gestos e deslocamentos da norma

O primeiro eixo de análise dos episódios está relacionado à forma como *Heartstopper* representa a homossexualidade, deslocando-se de padrões historicamente ancorados na culpa, na violência e na morte (Míkos; Sierra, 2018). Nas cenas iniciais, como o primeiro contato visual entre Nick e Charlie (Ep1–C1, Quadro 1), a série mobiliza planos médios, close-ups, animação 2D de folhas ao redor dos personagens e uma paleta cromática que associa o azul à introspecção de Nick e o amarelo ao calor afetivo de Charlie (Figura 1A). Essas cores não operam apenas como escolha estética, mas como estratégia semiótica recorrente ao longo da série, construindo simbolicamente a complementaridade entre os personagens: o azul remete à interioridade, à hesitação e à sensibilidade de Nick, enquanto o amarelo evoca abertura, acolhimento e vitalidade afetiva em Charlie. A recorrência dessa codificação cromática contribui para estabilizar sentidos sobre o vínculo, produzindo uma gramática visual do afeto *queer*.

Quadro 1. Quadro síntese da decupagem das cenas de *Heartstopper* organizado segundo índice, contexto e sentido. Fonte: elaborado pelo autor (2025). Ep: episódio; C: cena.

Cena (minutagem)	Índice	Contexto	Sentido
Ep1 C1 (2:00)	Plano médio; Animação 2D (folhas);	Primeiro dia de aula; o encontro e o primeiro olhar entre Nick e Charlie.	Instante fundante do vínculo afetivo e



	Close-up; Cores azul/amarelo..		despertar da sensibilidade
Ep1 C2 (2:50)	Plano conjunto; Espaço fechado; Silêncio; Ausência de trilha.	Diálogo entre Ben e Charlie; Ben exige o segredo da relação.	Confinamento espacial como signo da opressão e do relacionamento tóxico.
Ep1 C3 (5:40)	Planos variados; detalhe no rosto de Charlie; plano geral com Nick ao fundo.	Charlie se distrai observando Nick jogar enquanto conversa com os amigos.	Início da atração; o olhar subjetivo constrói o encantamento.
Ep1 C4 (21:40)	Plano médio; Close-up nas mãos; Luz natural suave.	Despedida na porta da escola após o treino de rúgbi	O toque sutil como rito de reconhecimento e segurança afetiva
Ep2 C1 (0:16)	Plano-detallhe no celular; plano médio no rosto; ausência de diálogos.	Nick, sozinho no quarto, vê fotos de Charlie nas redes.	Emergência do interesse afetivo e descoberta silenciosa.
Ep2 C2 (13:30)	Plano conjunto na neve; planos médios na interação; luz natural suave.	Charlie visita Nick; saem juntos ao perceber que está nevando.	Construção de vínculo íntimo e sensação de segurança.
Ep2 C3 (24:30)	Plano-detallhe (mãos); Luz de baixa intensidade; Trilha melódica.	Nick hesita em tocar a mão de Charlie enquanto assistem a um filme.	A tensão entre o desejo latente e o conflito interno de autoaceitação..
Ep2 C4 (27:30)	Plano médio (tela do PC); Iluminação noturna (azulada); Música reflexiva.	Nick pesquisa no Google "como saber se sou gay" e faz testes online.	A busca solitária por identidade diante da ausência de educação sexual formal.
Ep3 C1 (0:10)	Plano conjunto e detalhes em Nick pesquisando; baixa iluminação.	Nick continua pesquisando sobre sexualidade na internet.	Solidão, coragem e crítica à ausência de educação sexual inclusiva..
Ep3 C2 (10:00)	Plano médio alternado; plano conjunto com Darcy; luzes de festa	Nick conversa com Tara, que revela seu relacionamento com Darcy.	Modelo de aceitação natural; favorece elaboração identitária de Nick.
Ep3 C3 (15:50)	Planos médios e conjuntos; iluminação colorida.	Nick presencia o beijo de Tara e Darcy.	Visibilidade queer como inspiração e identificação afetiva.
Ep3 C4 (19:30)	Close-up; Animação de raios/faíscas; Trilha em <i>crescendo</i> .	O primeiro beijo de Nick e Charlie no corredor da festa.	A "primeiridade" do afeto; afirmação queer desvinculada da tragédia
Ep4 C1 (2:10)	Plano conjunto, médios e detalhe no beijo.	Nick visita Charlie após a festa; reconciliação afetiva.	Passagem da culpa ao acolhimento.
Ep4 C2 (5:20)	Planos médios e conjuntos em movimento.	Charlie corre e beija Nick sob a chuva.	Agência afetiva e coragem emocional.
Ep4 C3 (21:00)	Câmera lenta; Plano médio; Cores vibrantes.	Nick ajuda Charlie após ele ser derrubado no jogo de rúgbi.	Desconstrução da masculinidade

Ep4 C4 (22:00)	Planos médios e detalhes.	Nick cuida de Charlie na enfermaria.	hegemônica através da ética do cuidado.
Ep5 C1 (4:30)	Planos médios em diálogo.	Nick explica encontro com garota à mãe.	Afeto como ética do cuidado. Conflito entre expectativa social e identidade.
Ep5 C2 (6:30)	Planos gerais e médios no boliche.	Quase abraço interrompido em público.	Afeto contido pela vigilância social.
Ep5 C3 (18:00)	Planos fechados alternados.	Nick escuta conversa entre Tao e Charlie.	Tensão entre desejo, culpa e medo.
Ep5 C4 (6:45)	Planos médios e detalhe no beijo.	Beijo rápido após checagem do entorno.	Negociação entre afeto e discrição.
Ep6 C1 (5:30)	Plano conjunto; Luz solar; Enquadramento simétrico.	Nick e Charlie conversam sobre orientação sexual no parque.	O cuidado entre pares como prática de letramento e suporte emocional.
Ep6 C2 (9:50)	Planos médios alternados.	Nick fala de dúvidas sobre assumir-se.	Legítima o tempo subjetivo da “saída do armário”
Ep6 C3 (12:20)	Plano conjunto e médios nos rostos.	Nick conta a Charlie que se assumiu.	Confissão como fortalecimento afetivo.
Ep6 C4 (23:00)	Planos conjuntos e médios em espaço fechado.	Tara e Darcy ficam presas após ataque homofóbico.	Claustrofobia espacial como metáfora do preconceito.
Ep7 C1 (0:18)	Planos médios; luz suave.	Charlie conta a Tori sobre Nick.	Apoio familiar cotidiano e afetivo.
Ep7 C2 (2:18)	Planos médios no carro.	Pai leva Charlie ao cinema e oferece apoio.	Normalização do cuidado paterno.
Ep7 C3 (4:10)	Plano conjunto; detalhe nas mãos; animação 2D.	Charlie segura a mão de Nick no cinema.	Gesto simbólico de afeto e visibilidade..
Ep7 C4 (10:00)	Plano médio próximo no carro.	Mãe percebe o vínculo entre Nick e Charlie.	Preparação simbólica para a “saída do armário”
Ep8 C1 (19:30)	Plano aberto (campo); Movimento de câmera fluido.	Nick abandona a partida de rúgbi para ir ao encontro de Charlie.	Ruptura com a performance social esperada em prol da autenticidade.
Ep8 C2 (23:21)	Planos conjuntos com mar; médios em gestos.	Passeio público na praia.	Afeto livre e felicidade <i>queer</i> .
Ep8 C3 (26:00)	Plano médio fixo; Luz quente; Enquadramento familiar.	Nick se assume bissexual para a mãe.	O acolhimento familiar como signo de encerramento do ciclo de medo.
Ep8 C4 (26:10)	Planos próximos e horizonte ao fundo.	Conversa sobre o futuro na praia.	Síntese simbólica da autenticidade e libertação.

Fonte: dos autores (2026)

Figura 1. Momentos de afeto em *Heartstopper*: (A) elementos 2D ilustram o vínculo emocional; (B) primeiro cumprimento; (C) despedida após a aula; (D) Nick jogando rúgbi sob o olhar de Charlie.



Fonte: Lyn (2022)

Além dos elementos visuais, a trilha sonora desempenha papel fundamental na construção da primeiridade do afeto queer na série. Em momentos-chave, como o primeiro olhar entre Nick e Charlie (E1–C1), a música se intensifica de modo a simular o ritmo do batimento cardíaco, funcionando como signo sensível que coloca o espectador na imediatez da experiência afetiva do personagem. A sonoridade, portanto, não atua apenas como acompanhamento narrativo, mas como recurso semiótico que mobiliza o corpo do espectador, ampliando a experiência estética do encontro.

Esse regime sensível de leveza e encantamento é tensionado quando comparado à cena E1–C2, envolvendo Ben e Charlie, na qual predominam o confinamento espacial e a ausência de trilha sonora. O enquadramento em espaço fechado e isolado, aliado ao silêncio quase absoluto, produz um efeito de opressão e desconforto, traduzindo a natureza coercitiva da relação vivida sob segredo. O contraste entre essas duas construções, a musicalidade suave e luminosa nas cenas com Nick e o silêncio opressivo nas cenas com Ben, reforça a proposta estética da série de distinguir o afeto queer legítimo de experiências marcadas por medo, assimetria e apagamento.

Esse conjunto de signos constrói o encontro como momento sensível e fundante, em que o afeto *queer* se anuncia sem precisar ser “explicado” ou justificado. Pequenos gestos (Figura 1B), como o “oi”, a hesitação na despedida na porta da escola (Figura 1C), o olhar distraído de Charlie enquanto observa Nick jogar rúgbi (Figura 1D), produzem uma gramática do desejo que se distancia da erotização excessiva ou da criminalização do corpo homoafetivo.

A escolha por representar o amor entre dois garotos de maneira naturalizada, com cenas de cotidiano escolar (Figura 2A), conversas triviais (Figura 2B), visitas à casa, partidas de videogame, passeios na neve (Figura 2D) ou no parque, tensiona a heteronormatividade que ainda organiza grande parte das narrativas audiovisuais (Louro, 2004). Ao contrário de filmes que vinculam a homossexualidade ao sofrimento inevitável, *Heartstopper* investe em uma estética da leveza: o primeiro beijo na festa (E3–C4, Quadro 1 e Figura 3) é acompanhado por animações 2D e por uma trilha suave, enfatizando o encantamento e não a culpa.

Figura 2. Estética do afeto: (A) cotidiano escolar com luzes suaves; (B) conversas entre amigos em ambientes de convivência; (C) momentos de intimidade doméstica; (D) passeio na neve.



Fonte: Lyn (2022)

Figura 3. Primeiro beijo entre Charlie e Nick: enquadramentos aproximados e animações 2D enfatizam o encanto e a leveza do momento.



Fonte: Lyn (2022)

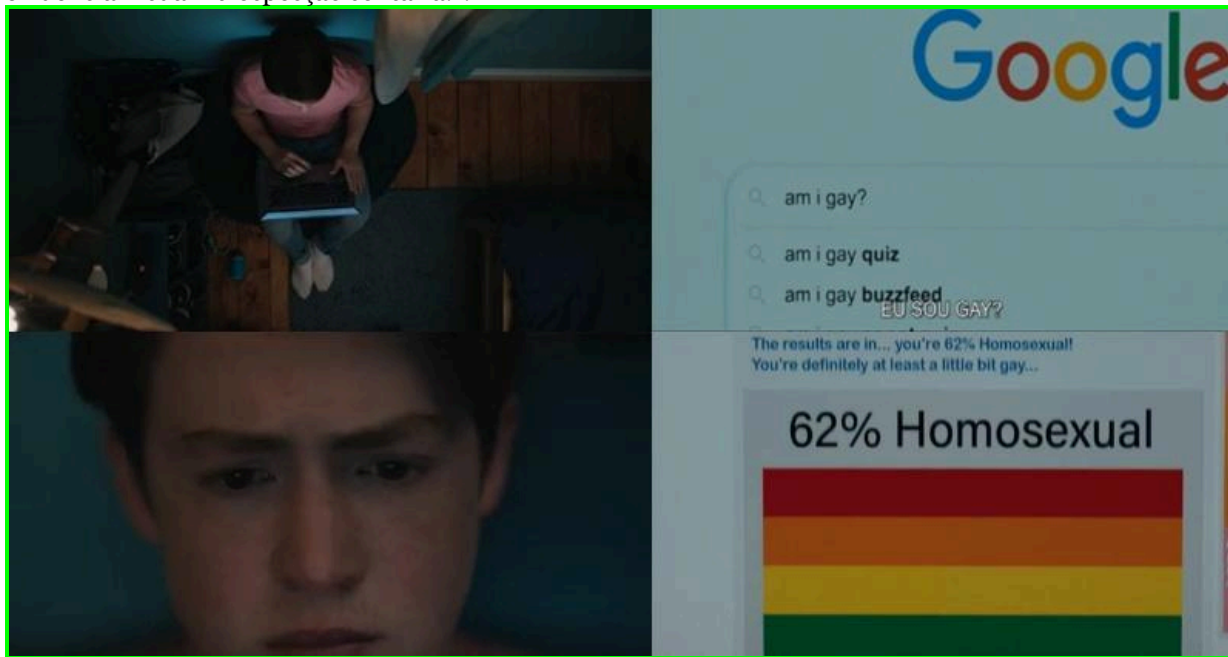
A representatividade lésbica também é construída positivamente. O beijo público entre Tara e Darcy em uma festa (E3–C3, Quadro 1) é enquadrado por luzes que remetem às cores da bandeira LGBTQIAPN+, transformando o gesto em manifesto de visibilidade e orgulho. Para Nick, que assiste à cena emocionado, esse beijo funciona como espelho e inspiração, aproximando-se da noção de “ver-se” nas telas como momento-chave para a afirmação identitária (Martyniuk; Silva, 2018; Santos et al., 2025).

Essas representações dialogam com a experiência de jovens que buscam espaços onde possam expressar-se sem sufocamento, como mostra Silva (2016) ao analisar a escola E-JOVEM, destinada a adolescentes gays, lésbicas, bissexuais, travestis e aliados. Nesse contexto, a produção de fanzines, inclusive o intitulado *No Closet!*, funciona como estratégia de enfrentar a homofobia, produzir discursos próprios e reivindicar lugares de fala no campo cultural. Se na E-JOVEM os fanzines operam como mídia alternativa, *Heartstopper* mobiliza a linguagem seriada, de grande alcance, para tornar visíveis cotidianos *queer* que, em muitos contextos, permanecem confinados ao segredo.

Autoconhecimento, adolescência e a pergunta “eu sou gay?”

O segundo eixo analítico centra-se nas cenas que tematizam o autoconhecimento de Nick em relação à sua sexualidade. Em uma das sequências mais emblemáticas (E2–C4, Quadro 1), após um dia junto de Charlie, Nick pesquisa na internet “am I gay?” enquanto a música *Why Am I Like This?* ecoa ao fundo (Figura 4). A iluminação concentrada no rosto, a escuridão do quarto e o plano-detelhe na tela do computador traduzem um processo solitário de interrogação, tão familiar a muitos adolescentes LGBTQIAPN+.

Figura 4. Nick questiona sua sexualidade ao pesquisar ‘am I gay?’ on-line; a luz e o enquadramento evidenciam sua introspecção solitária.”.



Fonte: Lyn (2022)

A escolha da canção *Why Am I Like This?* não opera apenas como ambientação sonora, mas como recurso semiótico que verbaliza a própria dúvida existencial do personagem, funcionando quase como uma tradução lírica de sua autointerrogação diante da descoberta da sexualidade. A música atua, assim, como signo que explicita afetos difíceis de nomear, articulando linguagem verbal, emocional e narrativa. Além disso, a cena evidencia uma dimensão recorrente nas experiências juvenis contemporâneas: a busca solitária por respostas em ambientes digitais diante da ausência de espaços institucionais de diálogo sobre diversidade sexual. A pesquisa em fóruns, testes online e vídeos sugere



que, na falta de uma educação sexual inclusiva na escola, o jovem é levado a construir seus percursos de autocompreensão de modo individualizado e não mediado, o que reforça a crítica à insuficiência das práticas educativas formais no acolhimento das vivências LGBTQIAPN+.

Essa cena dialoga diretamente com as reflexões de Franco (2015), que parte da pergunta recorrente “Beije um garoto. Eu sou gay?” para discutir como adolescência e homossexualidade são construídas socialmente. Em vez de reduzir tais experiências à “experimentação” passageira ou à “fase”, o autor aponta que elas podem integrar a construção identitária, afetiva e de desejo dos sujeitos, e que a patologização, seja pela medicina, pela psicologia ou pela moral religiosa, cria sofrimento desnecessário. A sequência em que Nick (Figura 5), deitado na cama, olha as fotos de Charlie no celular (E2–C1, Quadro 1) evidencia esse processo de reconhecimento pelo desejo: o silêncio, o sorriso contido, a presença do cachorro Nellie e a montagem paralela com Charlie trocando mensagens pelo celular com ele constroem um clima de descobrimento sereno, ainda sem nome.

Figura 5. Nick observa fotos de Charlie e ambos trocam mensagens (A e B); o silêncio (C e D) e a montagem paralela sugerem um despertar afetivo.



Fonte: Lyn (2022)

Mais tarde, ele aprofunda a busca por referências e histórias *queer* (E3–C1, Quadro 1), deslocando a dúvida sobre “o que eu sou” para a compreensão de que há uma história coletiva de lutas e de existências às quais ele pode se vincular. As conversas com Tara e Darcy (E3–C2; E6–C2) e com o próprio Charlie (E6–C1) reforçam a dimensão relacional do autoconhecimento. Quando Nick pergunta a Charlie “como você soube que era gay?” e recebe a resposta “eu meio que sempre soube”, a série explicita que não há uma única trajetória possível de descoberta: alguns sujeitos se reconhecem desde cedo; outros precisam de tempo, experiências e referências para nomear seus afetos. Essa pluralidade ecoa a crítica da psicologia sócio-histórica à ideia de adolescência como etapa universal marcada por uma “crise normal” (Bock, 2007; Franco, 2015).

Outra cena marcante é o diálogo entre Nick e Tara na festa, quando ela revela seu namoro com Darcy de forma leve, sem medo, sem dramatização (E3–C2, Quadro 1 e Figura 6) e que culmina com um beijo entre as duas o que causou, em Nick, uma clareza de sentimentos. Ali, o “sair do armário” é representado como experiência de alegria compartilhada, e não como ruptura traumática. Em contraste com os relatos de sufocamento, violência e tentativas de suicídio presentes entre jovens da E-JOVEM, descritos por Silva (2016), *Heartstopper* aposta em uma narrativa em que o autoconhecimento pode ser construído com apoio, redes e referências positivas.

Figura 6. Revelação do namoro de Tara e Darcy (A e C); o beijo das jovens (B) inspira Nick a reconhecer seus sentimentos, apresentando o ‘sair do armário’ de forma leve (D).



Fonte: Lyn (2022)

Isso não significa apagar o sofrimento, mas reinscrevê-lo em um horizonte de possibilidade. Ao decidir contar à mãe que é bissexual (E8–C3), Nick vivencia medo, hesitação, choro – mas recebe como resposta um abraço e a frase “eu sempre vou te amar”. O *coming out* positivo, ainda que não represente todas as realidades familiares, funciona como horizonte ético e pedagógico: jovens LGBTQIAPN+ têm direito a serem acolhidos, não corrigidos.

Cotidiano, homofobia e redes de apoio

O terceiro eixo aborda o cotidiano das relações e as múltiplas formas de homofobia presentes na série. A decupagem evidencia tanto cenas de afeto discreto, como o beijo rápido na máquina de brinquedos ou o gesto de segurar a mão no cinema (E5–C4; E7–C3), quanto situações de violência simbólica e explícita, materializadas em piadas, *bullying* e ataques verbais (Figura 7).

Figura 7. Homofobia no esporte: cenas de afeto discreto (A e B) contrastam com violência e pressões no rúgbi (C), destacando a ruptura de Nick com códigos masculinos (D).



Fonte: Lyn (2022)

No esporte, a masculinidade hegemônica aparece com força. Durante o jogo de rúgbi em que Charlie é empurrado e se machuca (E4–C3). A reação de Nick diante da queda de Charlie não é apenas um medo de “ser descoberto”: ela revela como, no espaço esportivo escolar, gestos de cuidado entre meninos são lidos como ameaça à masculinidade esperada. O olhar dos colegas e a hesitação de Nick funcionam como dispositivos de controle cotidianos, regulando o que dois garotos podem ou não expressar no campo. Ao correr até Charlie e ajudá-lo na frente de todos, Nick rompe parcialmente com esses códigos, deslocando para o campo esportivo uma ética do cuidado que, muitas vezes, é vista como “fraqueza”. A cena na enfermaria (E4–C4) aprofunda essa virada, apresentando o cuidado com o ferimento como gesto de afeto legítimo. Ao cuidar do ferimento de Charlie, Nick desloca os códigos de masculinidade hegemônica que regem a interação entre rapazes na escola, reinscrevendo o cuidado como gesto legítimo, ainda que improvável dentro das expectativas normativas do grupo. O quase-toque no cinema opera dentro dessa mesma lógica: a mão que se aproxima, hesita e recua expressa a tensão entre desejo e vigilância, entre intimidade e medo do julgamento coletivo. O gesto miúdo revela a força dos códigos que disciplinam corpos dissidentes em espaços públicos.



Essa lógica de negociação entre desejo e vigilância social também se evidencia nas cenas ambientadas em espaços públicos de lazer, como o boliche e a máquina de brinquedos (E5–C2; E5–C4), nas quais os personagens ensaiam gestos de aproximação afetiva, mas interrompem ou modulam suas ações a partir da percepção do olhar alheio. A necessidade de verificar o entorno antes de um beijo ou de conter um abraço funciona como signo recorrente da autocensura que atravessa a experiência cotidiana de jovens LGBTQIAPN+, evidenciando como o espaço público é regulado por expectativas heteronormativas. Essas cenas revelam que o afeto *queer* não é apenas vivido, mas constantemente negociado, o que amplia seu potencial pedagógico para discutir com estudantes temas como vigilância social, direito à expressão afetiva e desigualdade nos regimes de visibilidade.

Situações de homofobia explícita também aparecem, como os ataques dirigidos a Tara após o beijo público com Darcy, o isolamento em uma sala de instrumentos (E6–C4) e as agressões verbais sofridas por Charlie. As reações negativas ao beijo entre Tara e Darcy evidenciam como a visibilidade lésbica ainda desafia expectativas normativas produzidas no ambiente escolar, onde afetos entre meninas costumam ser tolerados apenas quando erotizados para o olhar masculino ou apagados quando constituem vínculo real.

Esses episódios remetem à literatura sobre homofobia escolar, que denuncia insultos, ameaças, violência física e institucional como parte da experiência de estudantes LGBTQIAPN+ (Junqueira, 2009; Ramires, 2011; Menezes et al., 2018). Ao mesmo tempo, *Heartstopper* enfatiza redes de apoio que funcionam como proteção subjetiva: a irmã Tori, que reage com carinho ao saber da relação de Charlie com Nick; o pai que o leva ao cinema e se oferece para buscá-lo se algo der errado (E7–C1; E7–C2); Tara e Darcy, que escutam os medos de Nick; a mãe que o acolhe. Também o ambiente doméstico é construído como espaço simbólico de segurança, reforçado pela presença de Nellie, a cachorra da família, cuja interação com Charlie contribui para compor uma atmosfera de acolhimento e tranquilidade afetiva. Esse cuidado é ainda acentuado pelo contraste visual entre os encontros marcados por tensão e segredo, frequentemente associados a iluminação neutra e espaços de passagem, e as cenas vividas com Nick em ambientes iluminados por

tons quentes e luz solar, que evocam pertencimento e legitimidade do afeto.

Essas cenas são particularmente relevantes por apresentarem modelos de aceitação familiar mediados por gestos cotidianos simples, e não por grandes declarações dramáticas. O acolhimento de Tori ocorre por meio de uma conversa íntima e afetuosa, marcada pela escuta e pela ausência de julgamento, enquanto a atitude do pai de Charlie em oferecer companhia, proteção e disponibilidade, traduz um cuidado cotidiano que legitima o vínculo afetivo do filho sem necessidade de explicitação moral. Ao construir essas figuras de apoio a partir de microgestos de cuidado, a série se distancia de narrativas midiáticas que frequentemente reduzem a experiência familiar LGBTQIAPN+ ao conflito, à rejeição ou à ruptura, e passa a valorizar a potência pedagógica do cotidiano como espaço de reconhecimento.

Esses personagens encarnam figuras de “aliados”, no sentido discutido por jovens da E-JOVEM em seus fanzines, quando reivindicam a existência de “heteros neutros” e “heteros aliados” que lutam contra a homofobia (Silva, 2016). A presença dessas redes remete, também, à importância de práticas educativas que reconheçam saberes e experiências de crianças e jovens em seus cotidianos. Nilda Alves (2019) enfatiza que imagens, narrativas e artefatos culturais constituem memórias de processos didáticos e curriculares, e que observar o cotidiano escolar, em suas conversas, conflitos, “causos”, é fundamental para pensar práticas pedagógicas mais democráticas. Ao trazer o cotidiano homoafetivo para o centro da narrativa, *Heartstopper* oferece material para que educadores problematizem como gestos aparentemente banais, tais como segurar a mão, dar um beijo, evitar um encontro, mentir sobre um relacionamento, são atravessados por desigualdades estruturais e por regimes de visibilidade distintos para corpos heterossexuais e *queer*.

***Heartstopper* como recurso pedagógico para a educação sexual**

As análises anteriores evidenciam o potencial de *Heartstopper* como recurso formativo na educação básica. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a educação sexual deve articular dimensões biológicas, afetivas, sociais e éticas, promovendo o respeito às diferenças, o direito à informação e a reflexão crítica sobre normas de gênero e sexualidade (Brasil, 1997). Apesar de a versão final



da Base Nacional Comum Curricular, BNCC (Brasil, 2007) ter reduzido a explicitação direta dos temas ligados à sexualidade (Sfair; Bittar; Lopes, 2015; Gava; Villela, 2016), o documento mantém como fundamentos direitos humanos, diversidade, acolhimento e empatia, e exige que a escola desenvolva competências que atravessam diretamente a discussão sobre sexualidade.

Algumas cenas analisadas ao longo do artigo revelam-se particularmente potentes como artefatos curriculares para o trabalho pedagógico com educação para a sexualidade. A sequência do jogo de rúgbi (E4–C3), por exemplo, permite discutir criticamente com estudantes como o esporte escolar é historicamente atravessado por expectativas de masculinidade hegemônica, nas quais força, virilidade e contenção emocional são valorizadas. O gesto de Nick ao correr até Charlie e ajudá-lo publicamente após a queda ressignifica esse espaço, reinscrevendo o cuidado, a empatia e a sensibilidade como valores legítimos também no universo masculino. Essa cena possibilita tensionar, em sala de aula, normas de gênero naturalizadas e promover uma ética do cuidado como princípio formativo.

De modo semelhante, os momentos do primeiro beijo entre Nick e Charlie (E3–C4) e do beijo sob a chuva (E4–C2) constituem representações do afeto queer como ato de afirmação sem tragédia, distanciando-se de narrativas audiovisuais historicamente marcadas por culpa, punição ou sofrimento. Essas cenas podem ser mobilizadas pedagogicamente para discutir temas como consentimento, respeito aos tempos subjetivos, legitimidade do desejo e normalização do afeto entre garotos, contribuindo para desestabilizar estereótipos e ampliar os horizontes de reconhecimento no ambiente escolar.

A BNCC reforça esse movimento ao estabelecer competências gerais que atravessam diretamente o trabalho com sexualidade, afetos e diversidade no contexto escolar. Entre essas competências, destacam-se a capacidade de compreender e utilizar diferentes linguagens, inclusive a audiovisual (CG1), o exercício da empatia e da cooperação como práticas de respeito às diferenças (CG6), o reconhecimento das próprias emoções, desejos, limites e direitos no processo de autoconhecimento e

autocuidado (CG8), e o compromisso ético com os direitos humanos e a justiça social, entendido como fundamento da responsabilidade e da cidadania (CG9). Tais competências legitimam pedagogicamente o uso de obras audiovisuais como *Heartstopper*, pois evidenciam que discutir sexualidade e diversidade é parte indissociável da formação integral dos estudantes.

Essa perspectiva é reforçada pelos Princípios de Yogyakarta (2006), que afirmam que a educação para a sexualidade não constitui uma concessão moral ofertada pela escola, mas uma obrigação ética e legal vinculada à promoção dos direitos humanos. Os princípios destacam que garantir uma educação inclusiva em sexualidade significa assegurar o acesso a informações baseadas em evidências, enfrentar o estigma e as diversas formas de violência, promover a autonomia corporal e afetiva, e reconhecer a pluralidade de identidades e formas de viver a sexualidade. Assim, a implementação de práticas pedagógicas que abordem gênero, diversidade e direitos não apenas é autorizada pelas políticas educacionais e pelos marcos internacionais, mas constitui elemento central para a construção de ambientes escolares seguros, democráticos e formativos.

Do ponto de vista metodológico, a utilização de séries como *Heartstopper* aproxima-se de experiências educativas que mobilizam mídias alternativas, como a produção de fanzines na E-JOVEM, descrita por Silva (2016). Nessa escola, as oficinas de fanzine articulavam noções de semiótica, história das mídias e debates sobre diversidade sexual, possibilitando que jovens LGBTTTT construíssem narrativas próprias, deslocando-se da posição de “alunos em aprendizagem” para “educadores e comunicadores”.

De maneira análoga, a análise semiótica de cenas selecionadas de *Heartstopper* pode ser proposta como atividade em escolas regulares, convidando estudantes a interpretar cores, trilhas, enquadramentos e gestos, e a relacioná-los com vivências concretas de afeto, preconceito e resistência. Essa perspectiva dialoga com a defesa de Alves (2019) de que práticas pedagógicas mediadas por imagens e narrativas desestabilizam olhares naturalizados e ativam memórias, permitindo compreender o currículo como rede de significações em movimento.

Uma proposta de trabalho, alinhada à literatura brasileira sobre educação para a sexualidade (Figueiró, 1998; Cabral; Heilborn, 2010; Bueno; Ribeiro, 2018), poderia seguir os seguintes passos:



1. **Contextualização teórica**

O(a) professor(a) apresenta, em linguagem acessível, alguns marcos legais (Constituição, PCNs, BNCC, Princípios de Yogyakarta) e discute brevemente a construção social da adolescência e da homossexualidade, inspirando-se em Franco (2015) para problematizar a pergunta “eu sou gay?” como expressão legítima de dúvida e não como anomalia.

2. **Exibição de cenas selecionadas**

Em vez de mostrar a temporada inteira, são escolhidos trechos previamente decupados, por exemplo, cenas de representatividade positiva (E1–C1; E3–C4), de autoconhecimento (E2–C1; E2–C4), de homofobia e apoio (E4–C3; E6–C4; E8–C3). A decupagem funciona como guia para a leitura dos índices audiovisuais.

3. **Leitura semiótica compartilhada**

Os estudantes, em pequenos grupos, são convidados a identificar signos relevantes: cores predominantes, movimentos de câmera, presença ou ausência de trilha sonora, gestos e expressões faciais. Inspirados em Cruz e Galego (2020), podem organizar suas observações em quadros do tipo índice–contexto–sentido, aproximando-se da metodologia utilizada na pesquisa.

4. **Rodas de conversa e narrativas**

A partir da leitura das cenas, o(a) professor(a) conduz rodas de conversa sobre temas como: descobertas afetivas, medo do julgamento, segurança em espaços públicos, redes de apoio, direitos de pessoas LGBTQIAPN+. Nesse momento, é importante assumir postura acolhedora, evitando julgamentos moralizantes e garantindo que ninguém seja exposto. Experiências relatadas em pesquisas com jovens, como as de Silva (2016), podem ser trazidas

como exemplos, evitando personalizar situações vividas na própria turma.

5. Produção de artefatos curriculares

Inspirando-se nas práticas de fanzine da E-JOVEM (Silva, 2016) e nas memórias de processos didáticos analisadas por Alves (2019), docentes podem propor que os estudantes criem seus próprios materiais – fanzines, tirinhas, pequenos vídeos, podcasts – refletindo sobre diversidade sexual, respeito às diferenças e enfrentamento da homofobia.

Essas atividades contribuem para um letramento midiático e afetivo que articula semiótica, educação sexual e direitos humanos. Ao invés de tratar a sexualidade apenas como conteúdo biológico, centrado em anatomia, reprodução ou prevenção de IS, a proposta enfatiza dimensões éticas, políticas e emocionais, em consonância com a concepção de educação sexual integral defendida por Louro (2004), Junqueira (2009), Cabral e Heilborn (2010).

Do armário ao currículo: *Heartstopper* como gesto de resistência educativa

A proposta deste trabalho foi analisar as representações positivas da homossexualidade na série *Heartstopper* e discutir suas potencialidades como recurso didático para a educação para a sexualidade no contexto escolar. As análises realizadas evidenciaram que produções midiáticas contemporâneas não apenas refletem transformações socioculturais, mas também participam ativamente da construção de novas formas de compreender identidades, afetos e relações humanas. Nesse sentido, *Heartstopper* se apresenta como um objeto privilegiado de reflexão pedagógica, sobretudo por oferecer narrativas sensíveis, humanizadas e despatologizadas sobre experiências LGBTQIAPN+, em contraste com representações estigmatizantes historicamente predominantes no audiovisual.

A leitura semiótica das cenas demonstrou como signos visuais, cromáticos, sonoros e gestuais são mobilizados para produzir sentidos sobre afeto, cuidado, desejo, dúvida e autoconhecimento. Esses elementos reforçam que a linguagem audiovisual desempenha papel



central na formação de imaginários juvenis, podendo ampliar perspectivas, promover empatia e tensionar normatividades. Ao investir em um regime estético marcado pela delicadeza, pelo cotidiano e pelo reconhecimento mútuo, a série contribui para deslocar padrões heteronormativos rígidos que ainda sustentam práticas escolares excludentes.

As discussões empreendidas ao longo do artigo dialogam com estudos que compreendem a sexualidade e a adolescência como construções histórico-sociais (Figueiró, 1998; Franco, 2015; Bueno; Ribeiro, 2018), bem como com experiências educativas centradas em narrativas e afetos, como as oficinas da E-JOVEM analisadas por Silva (2016). Heartstopper produz um repertório simbólico potente que pode ser apropriado pelas escolas para discutir consentimento, homofobia, redes de apoio, processos de autoconhecimento e dignidade humana, temas amplamente respaldados pelos PCN, pelas Competências Gerais da BNCC, e pelo Princípio 16 dos Princípios de Yogyakarta, que afirma o direito de todas as pessoas à educação livre de discriminação por orientação sexual e identidade de gênero.

Quando articulada a uma proposta pedagógica que compreende o currículo como uma rede de significações em movimento (Alves, 2019), a leitura semiótica de Heartstopper torna-se ferramenta formativa relevante tanto para estudantes LGBTQIAPN+, que podem se ver representados de forma legítima, quanto para aqueles que não são LGBTQIAPN+, que são convidados a desenvolver empatia e consciência crítica sobre as violências e silenciamentos que atravessam corpos dissidentes. Produções como Heartstopper demonstram que o audiovisual pode funcionar como artefato curricular, capaz de produzir memórias, afetos, pertencimentos e deslocamentos éticos.

Ao analisar Heartstopper em diálogo com pesquisas sobre currículo, gênero e sexualidade, reafirma-se que a escola ainda é atravessada por dispositivos de regulação heteronormativa, mas que esses mesmos contextos podem ser tensionados quando mediadores culturais, como séries, filmes e narrativas, produzem outras possibilidades de ver, sentir e existir. Heartstopper demonstra que deslocamentos simbólicos são possíveis, especialmente quando o afeto queer é tratado como experiência legítima.

Embora Heartstopper ofereça contribuições significativas para a ampliação da representatividade LGBTQIAPN+, é necessário reconhecer também seus limites. A série privilegia uma experiência queer majoritariamente branca e de classe média, deixando em segundo plano as intersecções entre sexualidade, raça e classe. Crenshaw (2002) demonstra que as opressões operam de forma articulada, de modo que sujeitos racializados experienciam discriminações qualitativamente distintas. No contexto brasileiro, Akotirene (2019) enfatiza que a ausência de uma abordagem interseccional tende a universalizar vivências que são atravessadas por desigualdades estruturais profundas. Assim, o uso pedagógico de Heartstopper exige que educadores tensionem criticamente seus silêncios e lacunas, sobretudo no que diz respeito à branquitude e aos privilégios de classe. Reconhecer essas limitações é fundamental para evitar uma leitura idealizada da obra e para compreender que seu potencial educativo não substitui a necessidade de ampliar o repertório de produções que contemplem a pluralidade das vivências queer em contextos diversos.

Em um cenário político no qual discussões sobre gênero e sexualidade têm sido alvo de tentativas de censura e de deslegitimação, reafirmar a educação para a sexualidade como direito, compromisso institucional e componente da formação integral é um gesto de resistência e responsabilidade social. Heartstopper não é apenas uma narrativa romântica juvenil: é também um convite para que a escola reconheça sua função na construção de espaços mais justos e acolhedores, onde nenhum jovem precise sufocar-se “dentro de um armário” (Silva, 2016) nem recorrer solitariamente à internet para perguntar “eu sou gay?” (Franco, 2015) por falta de diálogo seguro. Aceitar esse convite implica assumir que ensinar sexualidade é ensinar direitos humanos, cidadania e dignidade.

Referências:

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AHMED, S. **The cultural politics of emotion**. 2.ed. Edition. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2014.



- AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade: Feminismos Plurais**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALVES, N. **Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares**. São Paulo: Cortez, 2019.
- APRILE, T. M.; GALEGO, L. G. C. O autismo e as limitações sociais: representações cinematográficas nos filmes “As Vantagens de Ser Invisível” e “Meu Filho, Meu Mundo”. **Revista Livre de Cinema**, v. 10, n. 2, p. 53-72, 2023.
- ASMAR, A.; RAATS, T.; AUDENHOVE, L. V. Streaming difference(s): Netflix and the branding of diversity. **Critical Studies in Television**, v.18, n. 1, p. 24-40, 2022.
- BERNI, V. L.; ROSO, A. A adolescência na perspectiva da psicologia social crítica. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 126-136, 2014.
- BOCK, A. M. B. A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 1, p. 63-76, 2007.
- BRAGA, J. **Educação, gênero e diversidade sexual: desafios para a formação docente**. São Paulo: Cortez, 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: temas transversais – pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC, 1997.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.
- BUENO, R. C. P.; RIBEIRO, P. R. M. História da educação sexual no Brasil: apontamentos para reflexão. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 29, n. 1, p. 49-56, 2018.
- BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, J. **Corpos que importam: sobre os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: N-1/Crocodilo, 2019.
- CABRAL, C.; HEILBORN, M. L. Avaliação das políticas públicas sobre educação sexual e juventude: da Conferência do Cairo aos dias atuais. In: BRASIL. Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres. **Rumos para Cairo + 20: compromissos do governo brasileiro com a**

plataforma da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento. Brasília: Cidade Gráfica, 2010, p. 101-128.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p. 171–188, 2002.

CRUZ, B. S.; GALEGO, L. G. C. De um aperto de mão a um beijo roubado: análise semiótica de “Eu não quero voltar sozinho”. **Revista Voos Polidisciplinar**, v. 7, p. 118-132, 2020.

DIAS, A. T. B. B. Semiótica Peirceana: método de análise em pesquisa qualitativa. **Revista IndagatioDidactica**, v. 5, n. 2, p.884-895, 2013.

DYER, R. **The matter of images: essays on representations.** 2. ed. London: Routledge, 1993.

FANTIN, M. Audiovisual na escola: abordagens e possibilidades. In: BARBOSA, M.C.; SANTOS, M. A. (Org.) **Escritos de alfabetização audiovisual.** Porto Alegre: Libretos, 2014.

FIGUEIRÓ, M. N. Revendo a história da educação sexual no Brasil: ponto de partida para a construção de um novo rumo. **Nuances: Estudos sobre Educação**, v. 4, nº 4, p. 123-133, 1998.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação sexual: em busca de mudanças.** Londrina: EdUEL, 2009.

FRANCO, C. H. P. Beije um garoto. Eu sou gay? Caminhos para pensar adolescência e homossexualidade. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 1, p. 128-142, 2015.

GALEGO, L. G. C.; PEREIRA, F. L. Planos, sequências e abstrações: a cinematografia e a educação. In: **Formação de Professores: perspectivas teóricas e práticas na formação docente 2.** Ponta Grossa: Atena Editora, 2020.

GAVA, T.; VILLELA, W. V. Educação em sexualidade: desafios políticos e práticos para a escola. **Sexualidad, Salud & Sociedad**, v. 24, p. 157-171, 2016.

GONÇALVES, M. C.; GONÇALVES, J. P. Professor e gay: relações da presença homossexual no espaço escolar. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 8, n. 4, p. 190-210, 2022.

HALL, S. **Representation: cultural representations and signifying practices.** London: Sage, 1997.

JUNQUEIRA, R. D. (org.). **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: MEC/UNESCO, 2009.

LIMA, S. O.; BARROS JUNIOR, F. O.; SILVA, M. A. Â. (orgs.) **LGBTQIAPN+ encruzilhadas.** Teresina: EDUFPI, 2025.



- LIMA, A. M.; GALEGO, L. G. C. Preconceito e diversidade sexual em Sense8. **Revista GEMInIS**, v. 15, n. 2, p. 138–160, 2024.
- LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LYN, E. **Heartstopper**. Netflix, 2022.
- MAIA, L. R.; GALEGO, L. G. C. Lito e Hernando: análise semiótica e do discurso sobre a sexualidade no episódio especial de Natal da série Sense8. **Revista FSA**, v. 18, n. 9, art. 3, p. 47–63, set. 2021.
- MARTYNIUK, V. L.; SILVA, S. B. Entre o contratual e o polêmico: valor e representatividade nas narrativas mercadológicas. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 15, n. 43, p. 324-345, 2018.
- MENDES, L. L. Presença LGBT na mídia. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma (orgs). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p.155-162, 2011.
- MENEZES, M. S.; NASCIMENTO, A. P. L.; LIMA, R. B.; SANTANA, A. M. Homofobia na escola: desafios e enfrentamentos. **E-book CONQUEER**. Campina Grande: Realize Editora, 2018. p. 378-389.
- MÍKOS, C. M. F.; SIERRA, J. C. Representações LGBT no cinema contemporâneo: resistências e capturas. **Revista Científica de Artes**, v. 18, n. 1, p. 90-105, 2018.
- MISKOLCI, R. **Desejos digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros online**. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- OLIVEIRA, M. M. N.; GALEGO, L. G. C. Lésbicas e cinema: como a 7ª arte constrói as relações homoafetivas entre mulheres. **Revista Livre de Cinema**, v. 8, n. 4, p. 4–46, 2021.
- OSEMAN, A. **Heartstopper: dois garotos, um encontro (Volume 1)**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Seguinte, 2021a.
- OSEMAN, A. **Heartstopper: minha pessoa favorita (Volume 2)**. Tradução de Guilherme Miranda. São Paulo: Seguinte, 2021b.
- PELÚCIO, L. Subalterno quem, cara pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos queer. **Contemporânea**, v. 4, n. 2, p. 395–418, 2012.
- PIRES, M. C. O.; GALEGO, L. G. C. A nudez no cinema brasileiro: a biologia e a cultura nas questões de gênero. **Revista Livre de Cinema**, v. 8, n. 1, p. 49-66, 2021.
- PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. **Principles on the application of International Human Rights Law in relation to sexual**

orientation and gender identity. 2007. Disponível em: <https://yogyakartaprinciples.org/principles-en/>. Acesso em: 26 nov. 2025.

RAMIRES, L. Homofobia na escola: o olhar de um educador social do movimento LGBT. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 131-140.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política.** 2ª ed. São Paulo: EXO Experimental, 2009.

RASLAN, E. M. S. Os sentidos das cores no cinema: cromofilia e sincronismo. **SCIAS Arte/Educação**, v. 9, n. 1, p. 59-75, 2021.

RIBEIRO, P. R. M. Os momentos históricos da educação sexual no Brasil. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias.** São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 15-25.

SANTOS, G. S.; ALEXANDRE, A. K. A.; ROCHA, J. S.; COSTA, L. V. P.; SALES, M. G. G.; EVANGELISTA, M. L. G.; MOREIRA, P. C. A representação homoafetiva masculina na mídia contemporânea: Um panorama sobre visibilidade, estereótipo e Impacto Social. **Interference: a Journal of Audio Culture**, v. 11, n. 2, p. 1457-1491, 2025.

SEDGWICK, E. K. **Touching feeling: affect, pedagogy, performativity.** Durham: Duke University Press, 2003.

SERRA, C.; SOARES, M. Mídia e memória: visibilidades e resistências. **RuMoRes**, v. 15, n. 29, p. 11-15, 2021.

SFAIR, S.; BITTAR, M.; LOPES, R. Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais. **Saúde e Sociedade**, v. 24, nº 2, p. 620-632, 2015.

SILVA, R. A. Sufocamento dentro de um armário, pressão longe do mesmo: relato de experiência em uma escola LGBTTT. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 2, n. 2, 2016.

SOARES, A. C. S.; PEREIRA, F. L.; GALEGO, L. G. C. Cinema e transgêneros: construção semiótica e possibilidades na educação para a sexualidade. **Revista Livre de Cinema**, v. 6, n. 1, p. 75-105, 2019.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da Colônia à atualidade.** 4. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

TURNER, G. **Cinema como prática social.** São Paulo: Summus Editorial, 1997.



VIEIRA, L.; DIAS, A. T. B. B. B. Análise semiótica de capa de livros didáticos. **Comunicação & Informação**, v. 17, n. 2, p. 38-54, 2014.

Semiotics of Queer Affect: Signs, Representations, and Sex Education in Heartstopper

This article analyzes positive representations of homosexuality in the TV series Heartstopper and discusses its potential as a pedagogical resource for sex education in basic education. Grounded in a qualitative approach based on Peircean semiotics, this research builds a corpus of scenes that depict queer affect, sexual self-discovery, homophobia, and support networks. The selected scenes were examined according to thematic relevance, recurrence of audiovisual signs, and sign saturation, which enabled the identification of sensitive qualities (firstness), narrative relations (secondness), and connections with Brazilian sociocultural contexts (thirdness). The results are organized into four analytical axes: (a) positive representativeness and the semiotics of affect; (b) self-knowledge, adolescence, and the question “Am I gay?”; (c) everyday homoaffective experiences, homophobia, and support networks; and (d) pedagogical implications. The analysis reveals an aesthetic regime marked by delicacy, everyday life, and care, which breaks with tragic narratives traditionally associated with homosexuality and produces a symbolic repertoire of positive queer affect. By articulating scene analysis with Brazilian literature on sex education, educational policy documents (PCN, BNCC), and the Yogyakarta Principles, the study argues that Heartstopper can be incorporated into the curriculum as a curricular artifact and a formative tool to discuss consent, diversity, human rights, and the confrontation of symbolic violence in school contexts. Finally, the article presents a pedagogical proposal that integrates semiotic analysis, media literacy, and critical comprehensive sex education.

KEYWORDS: Sex education. Queer affect. Peircean semiotics. Audiovisual media; Heartstopper.

Nathan SILVA PEREIRA.

*Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba – MG.
nathan10002010@hotmail.com
<https://orcid.org/0009-0000-2572-6500>*

Luís Gustavo DA CONCEIÇÃO GALEGO.

*Mestre e Doutor em Biociências pela Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) e Graduado em Letras e Ciências Biológicas pela UNESP e em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor Associado IV pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Uberaba – MG.
luis.galego@uftm.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-6081-2700>*

Recebido em: 02/12/2025

Aprovado em: 16/01/2026